

A REPRESENTAÇÃO E A OCULTAÇÃO DO FEMININO NOS “CONTOS DAS MIL E UMA NOITES” *

CAVALCANTE, Aline Morales Moreti.**

Introdução

Este trabalho apresenta as notas iniciais de minha pesquisa de mestrado que tem como objeto de estudo a representação da mulher nos contos das “Mil e uma Noites” e as discussões sobre gênero na história.

Os contos das “Mil e uma Noites” foram compilados a partir do século X e apropriados pelos árabes entre os séculos XI-XVII. A origem oficial dos contos gera ainda inúmeras controvérsias porque até hoje não foram encontradas provas oficiais de sua nacionalidade. Há somente interpretações que se utilizaram das próprias narrativas e do contexto histórico e do momento da compilação para tentar compreender sua verdadeira origem. “Apesar de terem chegado ao Ocidente falando o árabe florido da corte abássida, trata-se então de um livro estrangeiro e de múltiplas fontes” (WAJNBERG, 1997, p. 63).

Também são fontes de controvérsias as histórias que fazem parte do conto, pois a apropriação do texto pelos árabes coincidiu com a crise moral e política do Islã no país. Há entorno deste debate a crença de que a obra em algum momento foi adaptada para o universo islâmico tendo como pano de fundo o texto corânico (WAJNBERG, 1997).

Para o estudo utilizarei as versões de três tradutores brasileiros que reescreveram o conto: Rolando Roque da Silva (1991) que traduziu a partir dos manuscritos originais de René R. Khawam; Ferreira Gullar (2006) e Nélide Pinõn (2004). Tomo como ponto de partida os textos destes três tradutores para identificar pontos de divergências ou convergências na releitura da obra no que se refere à representação da personagem feminina “Sherazade”.

Desde as primeiras traduções o conto foi manipulado somente por homens na sua reescrita. A primeira tradução para o Ocidente foi feita por Antoine Galland na França em 1704 e seqüencialmente as traduções mais conceituadas e de grande sucesso seguem com o inglês Jonathan Scott em 1811, Von Hammer Purgstall em alemão no ano de 1823 até a tradução de Jamel Eddine Benchikh e André Miquel em francês em 1991.

* Notas iniciais de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em História da UFGD.

** Professora de Língua Inglesa na rede pública de MS e mestranda em História pela UFGD.

Já na tradução de Antoine Galland, observou-se depois de algum tempo, que o tradutor havia feito várias emendas para adaptá-la a sociedade francesa conservadora da época e assim excluiu tudo que lhe parecia lascivo ou chocante para a época. Em 1885 quando Richard Burton publicou a tradução em inglês destacou exatamente o erotismo no conto e a violência presente no texto árabe.

A partir destes dados, ainda incipientes, abrem-se os olhos para as transformações que o texto original vem sofrendo ao longo do tempo deixando claro que a representação da mulher no conto sofreu várias alterações também.

A abertura do conto

Desde as primeiras traduções do conto observa-se uma parte que é imutável na obra, que Daisy Wajnberg (1997) denomina de “conto moldura.” O conto moldura se apresenta da seguinte forma nas traduções de Gullar (2006) e Rolando Roque da Silva (1991): O rei Shariar convida seu irmão que reside em outro palácio para uma viagem. Como a viagem foi breve retornam um dia antes da data prevista e flagram suas esposas traindo-os com escravos negros. Após a execução dos amantes o rei e seu irmão decidem fazer uma viagem mais longa a fim de refletir sobre a desgraça que os tinha abalado. Os irmãos prometem retornar ao governo quando encontrarem alguém tão desgraçado quanto eles.

Após alguns dias estando os irmãos a beira mar avistam um enorme gênio carregando uma bela jovem nos braços. Já na areia o gênio adormece no colo da moça que logo avista os irmãos escondidos atrás de uma árvore. A jovem obriga os irmãos a manterem relações sexuais com ela sob a ameaça de acordar o gênio e dizer que eles a importunaram. Depois a jovem pede um anel para completar sua coleção de 570 anéis que representam os amantes que ela conseguiu sob a vigilância do gênio.

Decepcionados com a perspicácia e infidelidade da mulher os irmãos retornam ao lar e o rei Shariar decide que a partir daquele momento irá esposar uma mulher a cada noite e executá-la no dia seguinte para não correr o risco de ser enganado pelas mulheres que na opinião dele são dissimuladas.

E assim, passam a ser as noites no palácio a cada dia uma nova esposa e a cada manhã uma morte. Indignada com a sorte das moças do reino, a filha mais velha do Vizir, a inteligente Sherazade decide casar-se com o sultão. O pai transtornado conta-lhe a história do *Asno, do touro e do lavrador* na tentativa de fazer com ela desconsiderasse a decisão de casar-se. Contudo, Sherazade se casa com o califa e combina com sua irmã Dinazarde que após a consumação do casamento a irmã intervenha pedindo-lhe que conte sua última história antes

de morrer. Ao fim da noite com o califa quase adormecido a história não havia chegado ao fim e o mesmo decidiu poupar a vida de Sherazade para que mesma terminasse de contar a história na noite seguinte. Assim, aconteceu noite após noite porque Sherazade sabia prender a atenção dos ouvintes em sua narrativa na qual nunca terminava na mesma noite (GULLAR, 2006; SILVA, 1991).

Os textos de Gullar e Silva não são idênticos, apresentam algumas diferenças quanto aos nomes dos personagens, variações de adjetivos usados e muitos outros detalhes estilísticos que são próprios de cada tradutor. O que nos importa aqui é a forma como “Sherazade” e as outras mulheres participam do conto.

A menção da ala feminina termina para estes dois tradutores logo após a apresentação do conto moldura porque depois seguem os contos que fazem parte da narrativa de Sherazade. A protagonista volta somente nas últimas páginas para fechar a narrativa e receber a sentença do Califa.

No texto de Nélide Pinõn (2004, p. 7) a tradutora reescreve sobre uma ótica diferenciada dos outros tradutores. Já de início analisa os pensamentos de “Sherazade”. *“Sherazade não teme a morte. Não acredita que o mundo, representado pelo califa, a quem o pai serve, decreta por meio de sua morte o extermínio de sua imaginação”*.

A construção do texto de Nélide Pinõn é uma análise constante dos sentimentos das personagens, principalmente das mulheres do conto. Passamos a conhecer a irmã Dinazarda, a serviçal Jasmine, a ama de leite “Fátima” outrora extinguidas das outras traduções. Fica claro que o universo feminino é valorizado por Pinõn uma vez que ela é a narradora do conto.

A representação da mulher no conto

Durante muito tempo o gênero masculino dominou as narrativas literárias e históricas. Com a ascensão do grupo dos *Annales* na década de 1920, representado por Marc Bloch e Lucien Febvre, houve uma abertura para a história do cotidiano em contraposição à história dos grandes homens e das grandes batalhas privilegiadas pela chamada *historiografia tradicional*. “... À medida que a tradição historiográfica dos Annales propunha ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns, ela contribuiu para que as mulheres, posteriormente, fossem incorporadas à historiografia...” (SOIHET & PEDRO, 2007, p. 284).

Mas é na década de 60 com o movimento feminista, que teve início nos Estados Unidos da América, que começaram a surgir publicações acerca da História das Mulheres. De acordo com Soihet (1997a), a imagem atribuída às mulheres antes da ascensão da História das

Mulheres como campo de estudo, era de rebelde ou vítima de uma situação criada pelo homem. Margareth Rago em seu artigo “Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil” (1995/1996) atribuiu ao movimento feminista indagações sobre a representação da mulher na história e na literatura retratada pelo homem. “... Como nos representam, ou melhor, como nos inventaram na literatura, nas artes e nos discursos científicos?...” (1995/1996, p. 16). A autora acredita que o movimento feminista causou impacto na produção científica no qual proporcionou um estudo mais abrangente sobre as mulheres, o universo feminino, as relações entre gênero.

A história das mulheres tem como um de seus princípios “... apontar e modificar as desigualdades entre homens e mulheres” (PEDRO, 2005, p.83). Pois a história tinha contribuído ao longo de anos para a produção da diferença sexual, estigmatizando a mulher como personagem coadjuvante. Para Joana Maria Pedro (2005, p.83) a história “positivista” e “empirista” oportunizou somente o gênero masculino, destacou os homens que participaram de guerras e grandes feitos políticos.

É também com a popularização da “Nova História Cultural” na década de 1980, que estudos mais abrangentes sobre as representações, mitos, culturas, crenças, religiões e outros se propagaram. Para Pesavento (1995, p. 13) esta nova abordagem veio para tentar explicar o que o cientificismo não tinha conseguido até então. A “Nova História Cultural” proporcionou maior interesse pelos objetos de estudo e ampliam-se as possibilidades tornando a escrita da história aberta ao estudo de novas categorias dentre elas a representação e o imaginário.

Retomo agora o conto e também a personagem feminina indagando: como Sherazade foi representada pelos tradutores aqui escolhidos neste trabalho? Há diferenças nos textos sobre a forma na qual ela foi representada? Como as narrativas literárias constroem e legitimam o papel de gênero?

Partindo deste pressuposto como Gullar e Silva, retrataram “Sherazade” a partir da representação que eles captaram quando leram o conto ou imprimiram na personagem suas próprias representações? O contexto histórico de cada tradução exerceu alguma influência nestas representações?

Entende-se por “representação” algo que aconteceu no passado e é re-apresentado no presente. Conforme escreve Charter “... As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhe seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é...” (2009 p. 51-52).

Seja qual tradução estes autores tomaram como base para reescrever o conto, o fato é que a escrita de um texto seja ele literário ou histórico envolve jogos de linguagem, jogos de poder, a intencionalidade de quem escreve acaba por definir o rumo que se pretende.

É claro que a representação esta vinculada a processos históricos e mudanças do ponto de vista, basta analisar a categoria representação a partir da tradução ou reescrita do conto das “Mil e Uma Noites”. Por quantas representações o núcleo feminino do conto já passou? Ora excluído, ora erotizado, ora descrito como submisso, ora adaptado ao discurso religioso, ora astuto e ardiloso...

A representação das mulheres do conto das “Mil e Uma Noites” deve ser observada para compreender o contexto no qual elas foram impressas, como afirma PRATT (*Apud* TEDESCHI, 1999, p. 15) “... É na representação que se cruzam os diferentes olhares; o olhar de quem representa, de quem tem o poder de representar, o olhar de quem é representado, cuja falta de poder impede que represente a si mesmo...”

Para mediar este estudo de forma sucinta analisei o final do conto com base nos autores mencionados anteriormente na tentativa de compreender a intenção impressa nas últimas linhas de cada obra.

Na tradução de Rolando Roque da Silva (1991) o final do texto resume-se da seguinte maneira: Na tentativa de salvar as mulheres do reino, a filha do vizir entrega-se em sacrifício ao califa e após mil e uma noites distraíndo-o com suas narrativas, apresenta-lhe os três filhos concebidos neste período e é perdoada e exultada pelo califa como uma mulher digna.

- Ó Xerazade! – exclamou ele. – Por Alá! Eu estava decidido a poupar sua vida mesmo antes de você me apresentar as crianças, pois a tenho visto casta, pura, fiel e piedosa. Que Alá lhe conceda sua bênção, e que as outorgue igualmente a seu pai, a sua mãe e a todos de sua linhagem e de sua raça. Tomo Alá por testemunha de que doravante afastarei de você tudo quanto possa lhe aborrecer (SILVA, 1991, p.59).

Observa-se no trecho acima que a mulher estava pagando pelo pecado de todas as mulheres do reino e que a submissão e serviço ao longo do tempo a fizeram uma mulher digna de respeito. É a legitimação do papel tradicional da mulher fiel aos seus princípios de subordinação.

Sobre a dominação simbólica Roger Chartier escreve:

Longe de afastar do real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, inscrevem-se nos pensamentos e corpos de ambos, deles e delas. Mas uma tal incorporação da dominação não exclui, longe disso, possíveis variações e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinos, transformam em

instrumentos de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para garantir a dependência e submissão (CHARTIER, 2002, p.95-96).

Nesta tradução de Rolando Roque da Silva, na qual o califa arrepende-se e perdoa Sherazade, pensa-se inocentemente que o califa é muito bondoso e piedoso. Apesar da traição de sua esposa anterior ele volta atrás em sua decisão de punir todas as mulheres e dá um voto de confiança a “mulher” representada por Sherazade.

A construção do texto molda de alguma maneira a bem feitoria do califa, percebe-se outra intenção no perdão concedido que pode ser interpretado como uma maneira de legitimar o poder de dominação, decisão sobre a vida da mulher, “... A violência na sua forma simbólica manifesta-se, através de diversos canais, recorrendo-se a variados argumentos...” (SOHEIT, 1997b, p. 7).

Compartilho o mesmo entendimento que Bourdieu tem do poder simbólico: “... o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 2009, p. 7)”.

A discussão sobre o poder hoje perpassa a área da antropologia, da sociologia, da psicanálise, porque sua definição é um tanto complexa...” Além disso, o exercício do (ou dos) poder (es) não se resume ao constrangimento e à tomada de decisão; ele consiste mais ainda na produção de pensamentos, dos seres e das coisas por todo um conjunto de estratégias e de táticas em que a educação, a disciplina, as formas de representação revestem-se de uma importância maior...” (PERROT, 2005, p. 263).

No conto das “Mil e Uma Noites” o poder relaciona-se com a apropriação da reescrita do conto por tradutores masculinos, a maneira como foi reafirmada a dominação masculina, o poder das normas de conduta inculcadas no universo feminino legitimando a submissão da mulher perante o homem.

Estes tradutores não fugiram das práticas historiográficas tradicionais, perpetuando estas representações que diminuem a mulher. É a visão dominante no papel de diferenciação sexual que se revela na literatura, na escrita da história, na divisão do trabalho, na divisão dos bens materiais e em quase todas as práticas da vida.

É também com a análise destas representações construídas á respeito do comportamento da mulher do conto que entendemos porque a mulher foi apagada do universo intelectual... “A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês?” (PERROT, 2005, p. 186).

O desfecho do conto na tradução de Gullar (2006) é apresentado em duas versões para o leitor devido às várias releituras que lhe foram atribuídas ao longo do tempo.

No primeiro desfecho o califa libera Sherazade da condenação e todas as moças do reino. No segundo Sherazade não tendo mais histórias para contar implora para o califa que a libere da morte. Sem êxito no pedido o califa lhe decreta a morte. “Cortar-te o pescoço ainda seria pouco - respondeu o sultão - Tuas últimas histórias me provocaram um tédio mortal” (GULLAR, 2006, p. 157).

Sherazade apela então apresentando os três filhos que havia concebido com o califa e recebe o perdão. “Te dou o meu perdão, Sherazade. Disse o sultão. Mereces viver porque tens um coração de verdadeira mãe. A partir de hoje, serás minha esposa favorita” (GULLAR, 2006, p.158).

Observa-se neste trecho que quando a mulher é vista como mãe muda-se a sentença rapidamente, de condenada a esposa favorita. Esta representação do patriarcado fica marcada nas mulheres perpetuando seu status de “rainha do lar”, restringindo seu papel ao espaço doméstico.

Para fechar a rede de análise falta ainda o final do conto reescrito por Nélide Pinõn (2004) em “Vozes do Deserto”. Sem dúvida este é o desfecho mais inusitado dentre os escritos até aqui. O final da história se dá para Pinõn com a fuga de Sherazade do palácio sem o conhecimento do Califa, é claro. Ajudada por sua irmã, a criada Jasmine e seu pai, Sherazade foge em uma caravana pelo deserto em busca de Fátima a mulher que a havia criado quando pequena.

A fuga de Sherazade foi toda arquitetada por sua irmã que pressentiu que Sherazade não suportaria mais aquela vida e se entregaria a morte devido a seu estado melancólico. Sherazade posta em liberdade é o desfecho que representa a libertação da personagem de sua condenação e também a libertação e independência das mulheres. A autora usa a fuga para romper o ciclo de vida subordinada e apresenta nesta fuga uma nova possibilidade de ser feliz. “... E tão rápido deu-se tudo que já no início da tarde haviam se distanciado de Bagdá, sem Sherazade olhar para trás uma única vez a pretexto de guardar na retina as muralhas da cidade” (PINÕN, 2004, p. 350).

A partir desta reconstrução de texto observa-se outro olhar, uma tentativa de redimensionar a representação gravada no imaginário do conto durante séculos. O pensamento foi por muito tempo baseado na diferença sexual. A ideologia implantada era que a mulher veio ao mundo para complementar o homem. Por isso temos nas traduções do conto

uma “dominação simbólica” por parte dos tradutores homens. Na visão deles não era possível libertar a mulher das amarras da vida doméstica.

A mulher sempre esteve limitada no espaço social cabendo a ela os serviços ligados ao lar, a criação de animais, a reprodução, a educação dos filhos. Quando Pinõn expõe Sherazade ao mundo se rompe o ciclo de representações repressoras nas quais as mulheres eram impressas no final dos contos escritos pelo universo masculino. A fuga é vista como uma possibilidade de ser feliz. Sherazade finalmente sozinha, livre, dona de seus atos. É a ruptura da representação até então construída por todos os escritores do conto. A abertura para a autonomia da mulher criando sua própria história liberta das amarras da religião e do patriarcado.

As representações são incorporadas pelo coletivo e acabam orientando os discursos e as relações sociais. Fato é que o modo de representar a mulher no conto foi primeiramente a visão impressa pela doutrina mulçumana. Por ora, sem adentrar em detalhes muitos específicos sabe-se que o discurso moral da doutrina mulçumana submetia à mulher à dominação masculina, seja o pai ou o marido.

Esta doutrina religiosa cheia de privações tolheu por muito tempo o pensamento das mulheres orientais que sofreram e sofrem ainda com a violência imposta pela dominação masculina, isso é válido ao menos para uma parcela dessas mulheres, já que não se pode desconsiderar que outra parcela destas mulheres, imergidas na religião islâmica, podem estar de pleno acordo com sua doutrina, incluindo as determinações de submissão feminina.

Sobre a violência sofrida por estas mulheres escreveu Ayaan Hirsi Ali (2007, p. 14) em sua autobiografia na qual declarou as práticas violentas do Islamismo.

Há a mulher açoitada por ter cometido adultério; outra entregue em matrimônio a um homem que ela detesta; outra espancada regularmente pelo marido; e outra que o pai repudia ao saber que o irmão dela a estuprou. Os perpetradores justificam cada abuso em nome de Deus, citando os versículos do “Alcorão” agora escritos nos corpos destas mulheres.

Este relato já explica em parte as primeiras representações do conto, o modo como a mulher foi impressa nas primeiras versões e que conseqüentemente foi sendo incorporada pelos tradutores ao longo do tempo. Quando o conto é inserido na cultura Ocidental estes valores religiosos não são modificados porque se incorpora ao discurso da doutrina cristã que também prega a submissão da mulher usando a “Virgem Maria” como pano de fundo.

A religião reafirma, institui a dominação masculina com o discurso dos dominantes sobre os dominados utilizando mitos para manter o poder. “... A religião judaico-cristã, como a mulçumana, instaura importantes mitos sobre as mulheres: o tabu da virgindade

e do silêncio, simbolizados na lei do véu imposta por algumas religiões...” (TEDESCHI, 2008, p. 73).

A religião moldada para garantir a dominação masculina sem dúvida pesou sobre a vida das mulheres por muito tempo. O comportamento feminino foi sempre muito regulado pelas representações criadas pelas religiões que reforçaram sobretudo a diferença sexual e a divisão de papéis.

De acordo com Tedeschi,

“... Desde a construção judaico-cristã e filosófica sobre o corpo da mulher, o nascimento biológico expressa um símbolo, uma representação de tudo aquilo que torna a mulher um ser incapaz de entrar na sociedade, no espaço público, e de se transformar em um indivíduo civil, ou seja, numa cidadã...”(TEDESCHI, 2008, p.113-114).

Com o dever de gerar e depois educar os filhos as mulheres ficaram por muito tempo limitadas ao espaço interno do lar. Enquanto o marido estava circulando no espaço público, provendo o sustento do lar, participando da política, a maioria destas mulheres estavam fora deste contexto. Os afazeres do lar: limpar, tecer, fiar, cuidar dos filhos ocupavam-lhes a vida e desta forma ficou de lado por um dado período a participação efetiva no espaço público livrando assim os homens de possíveis concorrentes.

A religião contribuiu para perpetuar a mulher no espaço doméstico atribuindo a ela o sublime dom da maternidade, elevando-a nos discursos como a mãe educadora, comparando-a com Maria, mãe de Jesus, e assim incute nas mulheres que seu papel na sociedade é uma construção natural dada pelo seu sexo. O espaço privado fica caracterizado como seguro para a circulação da mulher, restrita as ordens do marido.

Os discursos são utilizados para manter a dominação, assim compartilho da opinião de (BOURDIEU *Apud* PESAVENTO, 1995, p.18)

... O mundo social é também representação e vontade, e todo discurso contém, em si, estratégias de interesses determinados. A autoridade de um discurso e a sua eficácia em termos de dominação simbólica vêm de fora: a palavra concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que o enuncia e pretende agir sobre o real, agindo sobre a representação deste real.

Conclusão

A representação que foi atribuída às mulheres nos contos das “Mil e Uma Noites” ajudará a compreender como as mulheres foram retratadas na Literatura a partir da construção de valores que se tinha sobre o ser mulher na época de cada releitura do conto.

O desafio de entender as representações destes tradutores esta apenas começando, pois há muito em que se avançar na análise das fontes históricas para que chegue a um

entendimento mais amplo de como o gênero feminino foi moldado pela religião, pelo patriarcado, pela dominação masculina.

Sem dúvida para enriquecimento da análise do conto a trajetória da história das mulheres, será de grande valia para compreender como se organizaram os movimentos feministas e como se iniciou o rompimento com o sistema de valores impostos ao gênero feminino.

Por isso faz-se ainda necessário abordar no desenvolvimento futuro deste trabalho a história das mulheres no âmbito da passagem do privado para a ocupação dos espaços públicos e desta forma discutir até que ponto a ocupação do público pelo gênero feminino desconstruiu, ou reformulou o modo de retratar a mulher na sociedade.

Com o avançar das leituras já foi possível compreender que a história do conto sofreu muitas mudanças pelos escritores que se apropriaram dos textos ao longo dos tempos. A articulação do conto de acordo com os interesses da religião, da dominação masculina é perceptível nas entrelinhas da história na voz que não é dada a “Sherazade”.

Com a representação impressa sobre as mulheres do conto esclarece também como as coletividades acabam por reforçar as estratégias de dominação masculina e acabam por perpetuar valores que podemos observar até hoje em nossa sociedade.

A diferença sexual atuou como fator determinante na vida das mulheres que foram “naturalizadas” com o papel da maternidade e domesticidade. Todo o discurso de que a mulher se fazia necessária no lar e no cuidado dos filhos apartou-a dos direitos iguais e desta forma o homem conquistou primeiramente uma posição de destaque no espaço público.

Este ocultamento da mulher da vida social, dos espaços públicos também fez com que sua participação na escrita da história fosse ínfima ou representada pelo masculino como louca, histérica, desavergonhada para aquelas que não seguiam os moldes de mulher recatada.

Na representação das mulheres do conto dada por Nélide Pinõn, faz-se necessário ainda desvendar todas as brechas da narrativa conduzida pela escritora para retratar principalmente “Sherazade” em outra perspectiva. A “voz” dada por Pinõn para a ala feminina do conto com certeza mudou a visão que se tinha da história. Até então nunca havia sido impresso o sentimento das mulheres perante as atitudes dos homens do reino, nunca se mencionou o que as mulheres faziam na ausência dos homens, o que discutiam entre elas, quais eram seus interesses no espaço público.

Pinõn também não deixou de dar “voz” para as mulheres coadjuvantes do conto, as serviçais. No texto da autora as criadas que faziam os serviços do palácio também tiveram

a oportunidade de expressar seus desejos e opinião sobre a condição de Sherazade e até de influenciar em suas decisões.

Na representação do masculino, o califa, descrito por Pinõn merece ainda ser contemplada com uma análise mais aprofundada, pois também há diferenças nas releituras feitas por Gullar e Silva. O califa é representado por estes tradutores como um ser viril e determinado afirmando mais uma vez a condição do domínio masculino. Já para Pinõn o califa é visto como um ser frágil e inseguro e apesar dele estar na posição de autoridade máxima do reino a autora expressa no seu texto o conflito pessoal que ele enfrenta diante da posição de carrasco.

Muitos aspectos relevantes ainda devem ser abordados inclusive o de que as mulheres do conto devem ser pensadas como uma maneira de entender o processo de representação do feminino não somente para apontar erros e acertos sobre a impressão das mulheres na Literatura e na História, mas para tentar mostrar o gênero feminino desconstruído de estereótipos de uma maneira justa.

Referências

ALI, Ayaan Hirsi. **Infiel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12^a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2009.

_____. **À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

GULLAR, Ferreira (Trad.) **As mil e uma noites: contos árabes**. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

SILVA, Rolando Roque da (Trad.). **As Mil e Uma Noites. Damas Insignes e Servidores Galantes**. 5^a Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. v. 15, n. 29. São Paulo: ANPUH, 1995, pp. 9-27.

PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PIÑÓN. Nélica. **Vozes do Deserto**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2004.

SOIEHT, Rachel. História das Mulheres. In. VAINFAS, R. CARDOSO, C. F. (orgs). **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997a.

_____. Violência Simbólica. Saberes masculinos e representações femininas. **Revista de Estudos Feministas**. v, 5, n. 1, 1997b.

SOIEHT, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. v. 27, n. 54, 2007, p. 181-300.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das Mulheres e as Representações do Feminino**. Campinas: Editora Nимуendaju, 2008.

WAJNBERG, Daisy. **Jardim de Arabescos: uma leitura das Mil e Uma Noites**. Rio de Janeiro: Imago Ed.: São Paulo: FAPESP, 1997.